

O EXÉRCITO PERDIDO

PAUL SUSSMAN

O EXÉRCITO PERDIDO

Tradução de
MANUEL CORDEIRO



BERTRAND EDITORA

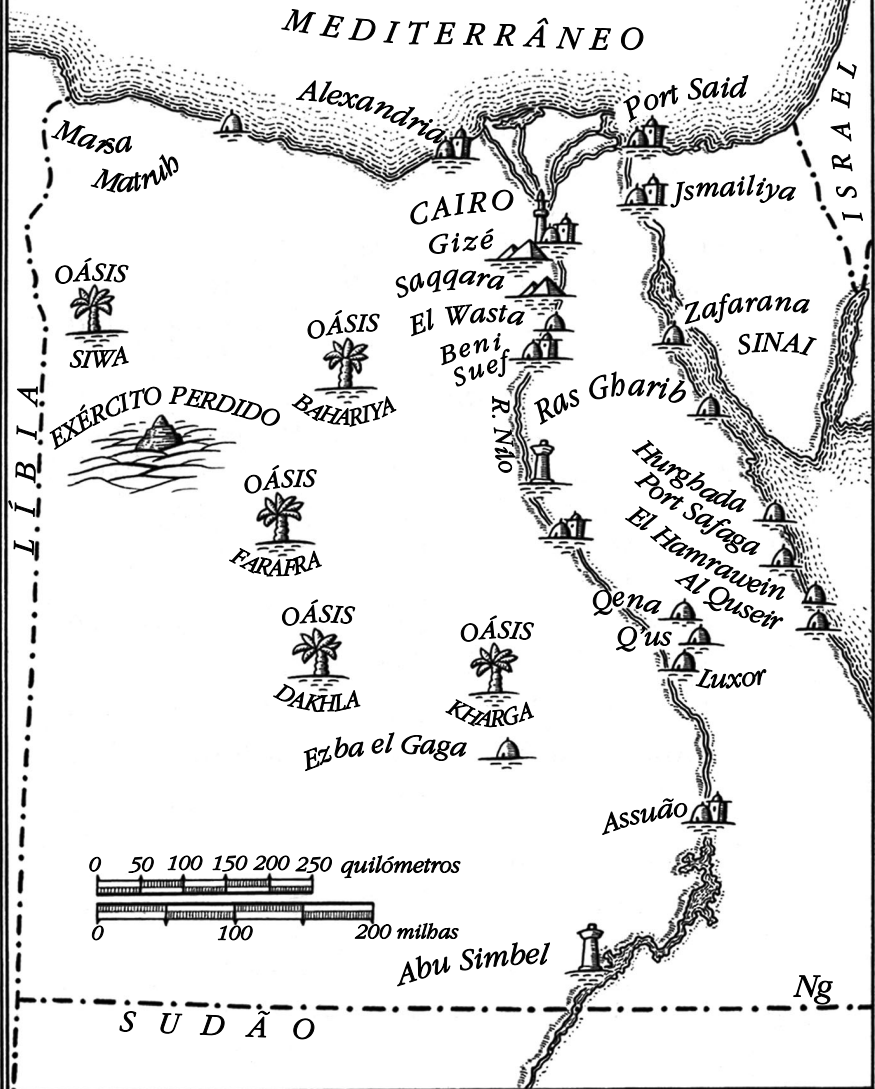
Lisboa 2016

Para a bela Alicky,
por ter aceitado tornar-se
minha companheira,
e para os meus pais,
por me terem apoiado sempre
sem nunca me imporem nada.

A força enviada contra os amonitas partiu de Tebas com alguns guias e o seu percurso através das areias pode ser acompanhado até à cidade de Oásis, que... fica a sete dias de jornada de Tebas. É do conhecimento comum que o exército conseguiu chegar até aí, mas não há quaisquer notícias sobre o seu subsequente destino. Nunca alcançou os amonitas e nunca regressou ao Egito. Contudo, há uma história contada pelos próprios amonitas e por outros que deles a ouviram, em que se diz que os homens partiram de Oásis e marcharam através do deserto até atingirem um ponto a meio caminho entre a cidade e a fronteira, onde um vento sul de extrema violência atirou areia para cima deles quando tomavam a refeição do meio-dia, pelo que desapareceram para sempre.

HERÓDOTO, *As Histórias*, Livro Três,
traduzido por Aubrey de Sélincourt.

EGITO



PRÓLOGO

DESERTO OCIDENTAL, 523 A.C.

As moscas tinham incomodado o grego durante toda a manhã. Agora ainda tinha de suportar aquele tormento, como se o calor de fornalha do deserto, as marchas forçadas e as rações pouco frescas não fossem já mais do que suficiente. Praguejou contra os deuses e deu uma forte palmada na face... o que apenas serviu para provocar uma pequena chuva de gotas de suor sem, é claro, acertar no inseto.

— Malditas moscas! — protestou.

— Ignora-as — disse-lhe o companheiro.

— Não as posso ignorar. Estão a enlouquecer-me! É caso para pensar que foram enviadas pelos nossos inimigos!

— Talvez fossem — retorquiu o companheiro, encolhendo os ombros. — Consta que os amonitas têm estranhos poderes. Ouvi dizer que são capazes de se transformar em animais selvagens, leões, chacais e outros do mesmo género...

— Podem transformar-se no que quiserem! — resmungou o grego. — Quando lhes puser as mãos em cima, vou fazê-los pagar por esta maldita marcha. Andamos nisto há quatro semanas! Quatro semanas!

Puxou o odre suspenso do ombro, bebeu e fez uma careta ao saborear o conteúdo quente e oleoso. Ah, o que não era capaz de dar por uma taça de água fria das nascentes das colinas de Naxos, uma água que não sabia ao que aquela sabia, pois parecia já ter sido utilizada para o banho de cinquenta putas cobertas de pústulas.

— Vou desistir deste trabalho de mercenário — resmungou. — Esta é a minha última campanha.

— Dizes sempre isso.

— Desta vez, falo a sério. Vou voltar para Naxos e arranjar uma esposa e um bom bocado de terra. Oliveiras... As oliveiras também dão dinheiro, sabes?

— Não serias capaz de aguentar.

— Aguento, sim! — afirmou o grego, tentando em vão acertar na mosca. — Vais ver que aguento. Desta vez é diferente.

Sim, daquela vez era diferente. Há vinte anos que lutava nas guerras dos outros. Era demasiado e sabia-o. Já não suportava as marchas... e a dor que sentia no velho ferimento provocado por uma seta agravara-se ao longo daquele ano. Mal conseguia erguer o braço do escudo acima do nível do peito. Mais uma expedição... e pronto. Voltava para casa, para cultivar oliveiras na ilha em que nascera.

— Então, afinal, quem são esses tais amonitas? — perguntou, depois de beber um novo gole de água.

— Não faço ideia — retorquiu o companheiro. — Têm um templo qualquer que Cambises quer ver destruído. Aparentemente, há lá um oráculo. É tudo o que sei.

O grego resmungou mas não insistiu na conversa. Na verdade, não se interessava por aqueles contra quem combatia. Para ele era sempre a mesma coisa, quer fossem líbios, cários, hebreus ou até compatriotas gregos. Ia até lá, matava quem tinha de matar e a seguir juntava-se a outra expedição, muitas vezes precisamente contra os que tinham acabado de lhe pagar. Naquele dia, o seu amo era Cambises da Pérsia... e ainda não se passara muito tempo desde que combatera no exército egípcio contra esse mesmo Cambises. Era assim que o seu negócio funcionava.

Bebeu mais um gole de água e deixou que a mente vagueasse de volta a Tebas, ao último dia que lá passara antes de partir para o deserto. Ele e um amigo, Fédís da Macedónia, tinham pegado num odre de cerveja e atravessado o Iteru, o grande rio, até ao vale a que davam o nome de Portão dos Mortos, onde se dizia que se encontravam sepultados muitos reis. Havia passado a tarde a beber e a explorar, e tinham descoberto uma estreita passagem na base de uma

íngreme vertente de cascalho, onde ambos se introduziram a rastejar, numa espécie de desafio. O interior revelara paredes e tetos cobertos de pinturas e o grego puxara pela faca e começou a gravar o seu nome no estuque macio: ΔΥΜΜΑΧΟΣ Ο ΜΕΝΕΝΔΟΥ ΝΑΞΙΟΣ ΤΑΥΤΑ ΤΑ ΘΑΥΜΑΣΤΑ ΕΙΔΟΝ ΑΥΡΙΟΝ ΤΟΙΣ ΘΗΙ ΑΜΜΟΝΙΔΙ ΕΔΡΑΙ ΕΝΟΙΚΟΥΣΙΝ ΕΠΙΣΤΡΑΤΕΥΣΩ ΕΙΓΑΡ... «Eu, Dímaco, filho de Menendes de Naxos, vi estas maravilhas. Amanhã marcharei contra os amonitas. Que...»

Porém, antes de poder terminar, o pobre Fédis pousara o joelho sobre um escorpião, soltara um grito fortíssimo e fugira para o exterior como um gato assustado! Ah, como se rira!

Contudo, o riso acabara por se virar contra ele porque a perna de Fédis inchara até parecer um tronco. O amigo ficara impossibilitado de marchar com o exército no dia seguinte e livrara-se de quatro semanas de tormento no deserto. O azarado do Fédis... Ou seria melhor dizer que tivera muita sorte? Riu ao recordar-se.

Despertou do sonho acordado ao ouvir a voz do companheiro.

— Dímaco! Eh, Dímaco!

— O que foi?

— Olha para aquilo, palerma! Lá adiante!

O grego levantou a cabeça e olhou em frente, para a fileira de homens que marchavam. Passavam por um largo vale no meio de dunas altas e lá à frente, com os contornos distorcidos pelo feroz clarão do sol do meio-dia, erguia-se uma enorme rocha em forma de pirâmide com faces tão uniformes que pareciam ter sido deliberadamente esculpidas com aquela forma. Havia algo de ligeiramente ameaçador à sua volta, precisamente porque a rocha se erguia, silenciosa e solitária, no meio de uma paisagem sem quaisquer características especiais, pelo que o grego levou involuntariamente a mão ao amuleto de Ísis que usava pendurado no pescoço e murmurou uma oração rápida para afastar os maus espíritos.

Marcharam durante mais meia hora até fazerem uma paragem para a refeição do meio-dia, precisamente quando a companhia do grego se encontrava quase ao lado da rocha. Cambaleou na sua direção e deixou-se cair na faixa de sombra junto da base.

— Quanto é que ainda faltará? — gemeu. — Por Zeus, quanto é que faltará?

Surgiram rapazes com pão e figos, e os homens comeram e beberam. Pouco depois, alguns deles começaram a rabiscar os seus nomes na superfície da rocha. O grego inclinou-se para trás e gozou a súbita brisa que se levantara. Sentiu o toque de uma mosca quando esta lhe pousou no rosto. Muito provavelmente, era a que o atormentara durante toda a manhã. Desta vez não fez qualquer tentativa para a sacudir e deixou-a vaguear de um lado para o outro por cima dos lábios e das pálpebras. A mosca levantou voo e pousou, levantou voo e pousou, pondo-o à prova. O grego não se moveu e o inseto, atraído por uma falsa sensação de segurança, acabou por lhe pousar na testa. O grego levantou a mão com infinitos cuidados, manteve-a por instantes a centímetros do rosto... e a seguir lançou-a violentamente contra a têmpora.

— Apanhei-te, estupor! — gritou, enquanto olhava para os restos da mosca esmagados na palma da mão. — Finalmente!

Contudo, o triunfo foi de curta duração porque começou a ouvir um fraco murmúrio de alarme proveniente da retaguarda da coluna.

— O que foi? — perguntou. Limpou os restos da mosca e levantou-se, já com a espada na mão. — Um ataque?

— Não sei — respondeu o homem ao seu lado. — Passa-se qualquer coisa lá atrás...

A confusão aumentava. Viram quatro camelos a passarem por eles a galope, com as bocas a espumar e a arrastarem fardos. Também já se ouviam gritos e berros abafados. A brisa tornava-se mais forte, fustigava-lhe o rosto e punha-lhe os cabelos a esvoaçar e a dançar.

O grego protegeu os olhos e olhou para sul, ao longo do vale. Parecia haver uma espécie de escuridão a abater-se sobre eles. Começou por pensar que se tratava de uma carga de cavalaria. Porém, a seguir, houve uma rajada de vento mais violenta que lhe golpeou o rosto, e escutou finalmente o que até ali não passara de um grito confuso.

— Oh, Ísis... — sussurrou.

— O que é? — perguntou o companheiro.

O grego virou-se para ele com o medo estampado nos olhos.

— Uma tempestade de areia.

Ninguém se moveu ou falou. Já todos tinham ouvido falar nas tempestades de areia do Deserto Ocidental, como surgiam de lado nenhum e engoliam tudo o que encontrassem pela frente. Dizia-se que cobriam cidades inteiras e que tinham feito desaparecer civilizações.

— Só há uma coisa a fazer quando enfrentamos uma tempestade de areia... — dissera-lhes anteriormente um dos guias líbios.

— O quê? — tinham-lhe perguntado.

— Morrer! — respondera o homem.

— Salvem-nos! — grasnou alguém. — Que os deuses nos protejam!

Alguns dos homens atiraram para o chão as respetivas cargas e correram desesperados ao longo do vale. Outros treparam os flancos da duna, ou caíram de joelhos, ou agacharam-se abrigando-se junto à pirâmide de rocha. Houve um que caiu para a frente sobre a areia, a chorar. Um segundo foi espezinhado pelo cavalo que se esforçava por montar.

O grego foi o único que não se moveu. Não se mexeu nem falou, e deixou-se ficar imóvel como se as suas pernas fossem de chumbo enquanto a parede de escuridão rolava inexoravelmente para ele, parecendo ganhar velocidade à medida que se aproximava. Viu mais animais de carga a passarem por ele a galope, bem como alguns homens que tinham deitado fora as armas, com os rostos contorcidos de terror.

— Fugam! — gritavam. — Já cobriu metade do exército! Fugam ou estão perdidos!

O vento soprava agora com fúria e levantava lençóis de areia em volta das suas pernas e cintura. Também se ouvia um rugido, semelhante ao de uma catarata... e o sol enfraqueceu.

— Vamos, Dímaco, vamos fugir daqui! — gritou o seu companheiro. — Se ficarmos, seremos enterrados vivos!

O grego continuou sem se mover. Um leve sorriso contorcia-lhe a boca. Entre todas as possíveis mortes que imaginara — e tinham sido

muitas —, aquela fora uma das que nunca lhe passara pela cabeça... e logo na sua última campanha! Era uma situação tão cruel que se tornava ridícula. O sorriso alargou-se no seu rosto e soltou uma gargalhada.

— Dímaco, estás louco?! Que se passa contigo?

— Vai — respondeu o grego, gritando para se fazer ouvir por cima do rugido cada vez mais intenso da tempestade. — Foge, se quiseres. Não fará qualquer diferença. Pela minha parte, morro onde estou.

Puxou pela espada, ergueu-a na sua frente e olhou para a imagem da serpente enrolada gravada na lâmina brilhante, com as mandíbulas abertas em torno do punho. Ganhara-a há mais de vinte anos, na sua primeira campanha — que fora contra os lídios —, e passara a usá-la sempre como se fosse uma espécie de talismã da sorte. Passou o polegar ao longo do gume, para o experimentar. O companheiro virou-se.

— És maluco! — gritou, por cima do ombro. — Estás completamente louco!

O grego ignorou-o. Agarrou na arma com força e fitou a imensa escuridão cada vez mais próxima. Iria cair sobre ele muito em breve. Contraíu os músculos.

— Vem... — sussurrou. — Vejamos de que és feita...

De súbito, sentiu a cabeça muito leve. Acontecia-lhe sempre aquilo em combate: o medo inicial, as pernas como chumbo... e a súbita excitação da batalha. Afinal, era possível que cultivar oliveiras não fosse a coisa mais apropriada para ele. Era um *machimos*. A luta estava-lhe no sangue. Talvez até fosse melhor assim... Começou a entoar um velho cântico egípcio para afastar o mau-olhado.

A seta de Sekhmet está em ti!
A magia de Toth está no teu corpo!
Ísis amaldiçoa-te!
Nephthys punir-te-á.
A lança de Hórus está na tua cabeça!

Foi então que a tempestade o atingiu e pulsou contra ele com a força de mil carros de guerra. O vento quase o levantou do chão, a

areia cegou-o, rasgou-lhe a roupa e mordeu-lhe a carne. Viu formas vagas através da escuridão, a agitarem os braços, com os gritos abafados pelo rugido ensurdecedor. Um dos estandartes do exército, arrancado do respetivo suporte, voou contra as suas pernas e enrolou-se nelas por instantes, antes de ser novamente arrastado pelo vento e desaparecer no meio do remoinho de areia.

O grego golpeou o vento com a espada, mas era demasiado forte para ele. Empurrou-o para trás e para o lado, e acabou por o forçar a cair de joelhos. A boca encheu-se-lhe de areia, que o asfixiou. Conseguiu voltar a pôr-se de pé de algum modo, mas foi derrubado quase imediatamente e já não se levantou. A onda de areia abateu-se sobre ele.

Agitou-se e debateu-se durante alguns momentos, a seguir imobilizou-se. De repente sentia-se muito fatigado e muito calmo, como se flutuasse debaixo de água. Lentamente, surgiram-lhe imagens na cabeça: Naxos, onde nascera e fora criado, o túmulo em Tebas, Fédis e o escorpião, a sua primeira campanha contra os ferozes lídios, em que ganhara a espada. Foi com um supremo esforço final que ergueu a arma no ar por cima dele, para que a sua extremidade sobressaísse das areias, com a serpente enrolada à sua volta, quando tudo o mais ficasse enterrado, para assinalar o local onde caíra.